

## Uma imersão no campo na cidade do Rio de Janeiro: roteiro, experiência e (re)construção da memória musical em entrevista com Odette

### Comunicação

#### GTE 18 – Sociologia da Educação Musical

*Rosana Borges Kawaguici Fernandes*  
Universidade Federal de Uberlândia  
rosanaborges@gmail.com

*Zefanias de Almeida Mubai*  
Universidade Federal de Uberlândia  
zefaniasmubai@gmail.com

*Fernanda de Assis Oliveira - Torres*  
Universidade Federal de Uberlândia  
feasol2013@gmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta uma experiência de pesquisa de campo realizada com Odette Ernest Dias, professora e flautista que compartilha memórias ligadas à vida familiar, social e musical. A escuta de suas narrativas destacou a oralidade, o corpo, a ancestralidade e a afetividade como dimensões centrais na construção dos saberes musicais, que não se limitam a registros institucionais ou documentos escritos. Embora a entrevista tenha partido de um roteiro previamente elaborado, o encontro se transformou em um espaço de troca, marcado por improvisos, silêncios, gestos e práticas musicais compartilhadas. Inspirado em Pais (2003), Portelli (1997) e Alberti (2005), o estudo discute o campo como lugar de negociação e produção de conhecimento situado, ético e afetivo. Esta experiência reforça a importância de reconhecer vozes muitas vezes invisibilizadas e de compreender a memória e a música como práticas vivas, materializadas na relação entre pessoas e no cotidiano.

**Palavras-chave:** Cotidiano, Memória, Educação musical

### Introdução

O trabalho de campo é, por definição, um espaço de imprevisibilidade, negociação e transformação, em que as intenções do pesquisador frequentemente encontram os limites e as potências do cotidiano (Heller, 1993; Pais, (2003). Ao propor uma imersão no universo da flauta transversal e na trajetória de Odette Ernest Dias, carinhosamente chamada por muitos

de Dona Odette, histórica professora e instrumentista, organizamos a pesquisa de campo em um grupo formado por três pesquisadores: a professora Fernanda, orientadora, que acompanhava o processo; a mestranda Rosana, responsável pela condução da entrevista; e o mestrando Zefanias, que acompanhava a experiência com o intuito de se preparar para realizar suas próprias entrevistas em etapas futuras da sua pesquisa. Partimos de um roteiro de entrevista cuidadosamente elaborado, visando à reconstrução de práticas pedagógico-musicais e de memórias institucionais. Contudo, como revelam as experiências relatadas neste artigo, o campo impôs desafios, deslocou certezas e produziu aprendizagens inesperadas, em consonância com a literatura sobre pesquisas qualitativas e a abordagem da memória como fenômeno subjetivo e seletivo (Bogdan e Biklen, 1994; Gonçalves, 2007; Souza, 2014; Alberti, 2005).

### **O roteiro: expectativas e limites**

A elaboração do roteiro buscou reconstituir trajetórias, práticas e memórias pouco documentadas no universo da flauta transversal em Uberlândia-MG, assim como as relações profissionais e afetivas entre professores. As perguntas contemplavam tanto informações objetivas, como datas e cargos, quanto dimensões mais sutis, como os desafios enfrentados por mulheres musicistas e os afetos em torno do instrumento.

No papel, o roteiro das pesquisas foi organizado em blocos temáticos: iniciação musical, formação, trajetória profissional, relações institucionais e vida cotidiana. Inspirado nos princípios das entrevistas semiestruturadas, o roteiro buscava equilibrar previsão e flexibilidade, conforme sugerem Bogdan e Biklen (1994).

Assim como alerta Pais (2003), o campo raramente se submete às expectativas do planejamento. O roteiro, longe de garantir linearidade à coleta de dados, revelou-se apenas um ponto de partida. Assim, o encontro entre o previsto e o vivido fez emergir narrativas inesperadas, silêncios e afetos que reconfiguraram o sentido da escuta. É nesse atrito entre o planejado e o inesperado que a pesquisa ganha densidade, reafirmando a entrevista como espaço de negociação, sensibilidade e descoberta.

## O campo: deslocamentos, silêncios e improvisos

A recepção na casa de Dona Odette foi marcada por hospitalidade e afeto, em contraste com a formalidade esperada. Antes de qualquer pergunta, houve tempo para acomodação, café e apresentação dos presentes:

*“Vocês fiquem bem à vontade.”* (Filha de Dona Odette)

*“Nós estamos ali em Copacabana, bem pertinho da Avenida Nossa Senhora de Copacabana.”* (Fernanda)

A tentativa de iniciar o roteiro foi gentilmente desviada pela entrevistada:

*“O momento atual está tão forte. Que o passado está sendo esquecido. [...] O que a gente está vivendo no momento está tão mais forte que a nossa [memória].”*

Esse trecho ilustra o que Portelli (1997) argumenta sobre a história oral: a memória é construída no presente, e o passado frequentemente emerge a partir das inquietações do agora. Assim, o pesquisador precisa estar atento ao que está “entrelinhas” — o não dito também é dado relevante.

Ao ser questionada sobre detalhes biográficos, Dona Odette frequentemente devolvia perguntas aos entrevistadores, estabelecendo relação de simetria:

*“Vocês são professores?”*

*“Me contem mais de vocês.”*

Nesse sentido, Pais (2003) reforça que o campo é “zona de negociação”, e o roteiro precisa ser permeável à reciprocidade. A entrevista se transforma em troca, não apenas em coleta de informações. Assim, perguntas geram contra perguntas, e os papéis se embaralham, tornando o pesquisador também personagem da narrativa. Como defendem Pais e Portelli, a escuta atenta e relacional é não só método, mas ética: reconhecer o outro como sujeito ativo, capaz de negociar e (re)significar a própria memória.

## (Des)encontros entre roteiro e resposta

O desenvolvimento do diálogo em uma entrevista nem sempre se alinha às expectativas do pesquisador. Muitas vezes, perguntas previamente elaboradas geram respostas curtas, tangenciais ou silêncios, sinalizando que o campo empírico segue sua própria dinâmica. Esse descompasso entre roteiro e respostas não deve ser visto como falha

metodológica, mas como oportunidade de compreender como as memórias são mobilizadas e os afetos que permeiam o encontro. A seguir, alguns fragmentos exemplificam como esses movimentos ampliaram a escuta e trouxeram sentidos que escapariam a uma condução estritamente guiada pelo roteiro:

Rosana: *“A senhora pode contar como foi a sua relação com Dona Cora no Conservatório de Uberlândia?”*

Odette: *“Eu não sei te dizer muito não, viu? Isso já faz tanto tempo... O que ficou mesmo foi o carinho. A gente era colega, mas cada uma no seu canto.”*

Rosana: *“A senhora se lembra quando foi a doação do livro de técnica para o acervo?”*

Odette: *“Ah, minha filha, esses detalhes eu não anotei não. A gente fazia muita coisa assim, por impulso. Eu só lembro que achei importante doar, porque era um material raro.”*

Trecho espontâneo de Odette:

*“Olha essa flauta, foi meu pai quem me deu quando fui pra Paris. Essa ficou comigo até hoje. Toquei tanto, tanto nela... Agora é mais a lembrança, mas ainda sai som!”*

Esses exemplos revelam o que Alberti (2005) chama de “memória seletiva e afetiva”, organizada pelos significados atribuídos pelo tempo e pela emoção. Quando as respostas não seguem o roteiro, não há falha metodológica, mas sim abertura para ouvir o que realmente ressoa para quem narra.

Portelli (1997) ressalta que a história oral não se limita a registrar o que aconteceu, mas aquilo que as pessoas acreditam ou escolhem lembrar. Pais reforça esse entendimento ao considerar o campo como um espaço vivo, onde o inesperado e o improvisado são essenciais para a construção de sentido.

Assim, os desvios do roteiro não enfraquecem a entrevista; pelo contrário, revelam sua potência como encontro entre pessoas. A memória não responde a comandos, ela emerge entre afetos, silêncios e lembranças que insistem em permanecer vivas.

## **Materialidade, improviso e memória**

Além das questões de roteiro e resposta, a materialidade dos objetos e os gestos espontâneos ganharam destaque durante a entrevista. A flauta de Dona Odette, por exemplo, não apenas evocou lembranças, mas também desencadeou uma série de ações e afetos que

escaparam ao planejamento inicial. Como ressalta Ingold (2012), objetos carregam narrativas, funcionam como extensões do corpo e atuam como catalisadores de vínculos sociais, reavivando experiências passadas no presente. Desse modo, gestos simples, como tocar ou mostrar um objeto, podem evocar memórias de forma não linear, tornando o campo de pesquisa um espaço dinâmico e afetivo.

Em determinado momento, Odette propôs:

— Odette: *“Você quer ver uma flauta?”*

— Rosana: *“Quero. Quer que eu pegue para a senhora? Em cima do piano?”*

— Odette: *“Não, já está aí atrás.”*

— Rosana: *“Essa aqui?”*

O gesto de buscar e entregar a flauta inaugurou uma nova dinâmica na conversa, marcada pelo convite, pela partilha e pelo improviso. Rosana incentivou a experimentação, perguntando:

— *“Quer que eu monte?”*

Enquanto a flauta era preparada, surgiram comentários espontâneos sobre a história do instrumento, reforçando sua dimensão afetiva.

Num momento particularmente significativo, a entrevista se transformou em uma experiência musical compartilhada. Conforme registrado no diário de campo:

*“Entre nossas conversas, tivemos também um pouco de música com Dona Odette ao piano. Ela me pediu para montar sua flauta da marca Marigaux e toquei com ela 'Asa Branca'. Ela ao piano e eu Rosana na flauta. Depois, voltávamos para o bate-papo. Tomávamos café, água, suco, e começávamos tudo de novo. Era um bate-papo misturado com sarau...”*

Esse sarau improvisado transformou o ambiente da entrevista: a memória se fez som, o objeto tornou-se elo de afeto e o campo se revelou um acontecimento relacional, ilustrando o que Kramer (2000) define como conhecimento pedagógico-musical vivo transmitido e aprendido no fazer conjunto.

A materialidade do instrumento mobilizou as memórias de Dona Odette de maneira muito mais intensa do que qualquer indagação direta. O simples gesto de segurar e mostrar a flauta trouxe à tona lembranças e emoções espontâneas, frequentemente inacessíveis a perguntas planejadas. Gonçalves (2007) observa que a pesquisa social é marcada por

imprevistos e deslocamentos: o campo frequentemente foge ao controle do pesquisador e, justamente nesses momentos, surgem relatos mais ricos, repletos de detalhes, afetos e novos sentidos. Assim, os imprevistos tornam-se oportunidades para acessar dimensões da experiência que um questionário, isoladamente, não revelaria.

Outro episódio evidenciou ainda mais a potência desse ambiente: Dona Odette, em seu papel de anfitriã e musicista, voltou-se para Zefanias, perguntando de forma descontraída:

— Odette: *“Você toca o quê?”*

Ao saber que ele trabalhava com a voz, ela e os demais presentes o incentivaram:

— Fernanda: *“Canta uma canção!”*

— Rosana: *“Será que ele canta alguma coisa para a senhora?”*

Diante desse convite coletivo, Zefanias aceitou e cantou um trecho para Dona Odette, que comentou com satisfação:

— *“Isso que a gente tem que fazer. Reunir para cantar, conversar.”*

Com isso, o ambiente da entrevista foi preenchido não apenas por relatos, mas também por música, gestos e interações que ativaram memórias e criaram laços.

Na sequência, Dona Odette também estimulou Fernanda a participar ativamente. Voltando-se para ela, convidou:

— *“Você quer tocar? Pera aí, eu vou te ajudar.”*

Enquanto Fernanda se acomodava ao piano, Dona Odette a orientava com delicadeza e entusiasmo, repetindo várias vezes:

— *“Isso aí”*, num gesto de incentivo e alegria pela partilha musical. O convite de Dona Odette ia além de simplesmente ouvir música; envolvia criar juntos uma vivência de troca musical e escuta, na qual cada um podia se expressar e ser acolhido.

Esses fragmentos da entrevista evidenciam como Dona Odette, em sua postura de anfitriã e musicista, não apenas acolhe, mas também ativa a participação dos presentes, transformando a entrevista em uma vivência coletiva. Música e canto tornam-se formas de expressão, memória e aproximação, instrumentos para construir confiança e reciprocidade. Nesse ambiente, a partilha musical emerge espontaneamente, contribuindo para a criação de um campo relacional, rico em afeto e aberto ao inesperado.

Como destacam Ingold (2015) e Gonçalves (2007), o campo de pesquisa é atravessado por imprevistos e deslocamentos, e é justamente nesses momentos que surgem relatos e experiências mais densos, marcados por detalhes, afetos e novos sentidos. A improvisação, nesse contexto, não representa uma falha metodológica, mas sim uma potência epistemológica: é no gesto, no som e na escuta partilhada que a memória ganha corpo e o conhecimento se faz presença viva.

## **Reflexões metodológicas: do controle ao encontro**

A alternância entre perguntas e respostas, silêncios e improvisos obriga o pesquisador a revisar continuamente suas expectativas. Como ressalta Heller (1993), o cotidiano é o reino do inusitado e do imprevisto, e o pesquisador está sempre implicado nesse jogo, não estando fora dele.

As trocas afetivas e gestos cotidianos como servir café, mostrar a flauta, ou rir de esquecimentos não são meros desvios do objetivo inicial da entrevista, mas sim condições fundamentais para construir confiança e partilhar saberes, conforme observa Souza (2014). São nesses detalhes do convívio, muitas vezes fora do roteiro, que o terreno fértil do encontro se desenha.

Assim, a entrevista deixa de ser um procedimento formal para se tornar um acontecimento relacional: um encontro vivo, em que diálogo, acolhimento e escuta ativa ocupam o centro do processo. Isso exige do pesquisador atenção não apenas às palavras, mas também às emoções, silêncios e gestos do entrevistado, cultivando um ambiente de confiança mútua no qual novas histórias e afetos podem emergir.

Esse deslocamento se revela claramente na conversa com Dona Odette. Ao invés de seguir o roteiro, ela retribui perguntas, demonstra interesse pela trajetória dos pesquisadores e compartilha, além de fatos, sensações, dúvidas e lembranças:

*Odette: “Eu queria saber de vocês: de onde vocês vieram? Vocês têm flautista na família?”*

Esses gestos criam um clima de troca e acolhimento, deixando Dona Odette à vontade para lembrar, emocionar-se e até rir de pequenas confusões do passado. Ao servir

café, mostrar objetos pessoais, tocar sua flauta e compartilhar histórias familiares, ela transforma a entrevista em vivência compartilhada, repleta de afeto e aberta ao inesperado.

Diante disso, o pesquisador deixa de ser apenas coletor de informações e passa a ser parte do acontecimento, atuando como ouvinte sensível e agente de escuta, como defendem Souza (2014) e Pais (2003). Nesse ambiente relacional, sustentado por acolhimento e escuta ativa, emergem os relatos mais significativos, que dificilmente o roteiro, sozinho, alcançaria.

A música, por sua vez, atravessa o encontro de modo singular. Quando Dona Odette improvisa no piano, materializa o que Kramer (2000) chama de conhecimento pedagógico-musical “vivo”: aprendido, transmitido e partilhado em práticas coletivas, sensíveis e imprevisíveis, tão ricas quanto o próprio campo.

Essa vivência musical espontânea reforça a ideia de que memória, saber e ensino não são entidades isoladas, mas práticas corporificadas, que ganham vida no entrelaçamento do gesto, da escuta e do afeto. É nesse território partilhado entre notas musicais, silêncios e olhares que a pesquisa se faz experiência e o dado se transforma em presença viva. Como afirma Larrosa (2002), o conhecimento verdadeiro não se reduz ao conteúdo, mas “à experiência que se tem com ele”. Assim, no encontro com Dona Odette, o campo deixa de ser apenas um lugar de coleta e passa a ser morada de sentidos.

## Considerações finais

A experiência de campo com Dona Odette confirma que o roteiro é necessário, uma vez que, serve de estrutura, mas deve ceder diante da complexidade da vida, das subjetividades e do acaso (Bogdan e Biklen, 1994; Pais, 2003). As respostas “incompletas” não são falhas, mas expressam o caráter processual e negociado da memória, em que o passado se reconstrói a partir das demandas do presente (Portelli, 1997).

Diante do exposto, estar no campo é também exercitar uma escuta que vai além do roteiro, é reconhecer que o conhecimento não se constrói apenas com respostas objetivas, mas com afetos, gestos e silêncios que atravessam o encontro. A experiência com Dona Odette nos lembra da importância de estar atento ao que o campo diz, e ao que ele sutilmente insinua. Como sugerem os demais autores, ao dialogarem com Pais (2003), é no cotidiano, em suas dobras e imprevisibilidades, que se pode alavancar o conhecimento, não por meio de

verdades rígidas, mas pela sensibilidade diante da experiência viva. Nesse sentido, o campo deixa de ser apenas cenário e se torna protagonista, abrindo possibilidades metodológicas e humanas para pensar a memória, a educação e a música como práticas encarnadas no tempo, no corpo e na relação com o outro.

## Referências

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- GONÇALVES, C. P. *Inventando a pesquisa social: introdução às técnicas de pesquisa em ciências sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- KRAMER, R.-D. *Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical*. Trad. Jusamara Souza. Em *Pauta*, v. 11, n. 16/17, p. 50–73, abr.-nov. 2000.
- PAIS, José. Machado. *O campo como espaço de negociação: etnografia, trajetos e imprevistos*. Lisboa: ICS, 2003.
- PORTELLI, A. O que faz uma história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.
- INGOLD, Tim. *Sobre materialidade e agência dos objetos (Correspondences / Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture)*, 2015.
- SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 7–11, mar. 2004.
- SOUZA, Jusamara. *Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical*. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 53, p. 91–112, 2014.
- SOUZA, Jusamara. A Educação Musical como campo científico. *Revista Olhares e Trilhas*, v. 22, n. 1, 2020.